

Suplemento literário e eventos do mercado editorial: o jornalismo cultural do caderno *Prosa & Verso*

Geso Batista de Souza Júnior*
Mauro de Souza Ventura†
Universidade Estadual Paulista

Índice

1	Os suplementos literários	2
2	Os valores-notícia	4
3	Eventos do mercado editorial	8
3.1	FLIP - Feira Literária Internacional de Paraty	8
3.2	Bienal Internacional do Livro de São Paulo	15
	Considerações finais	19
	Referências	20

Resumo

Ao refletir sobre a esfera do jornalismo sob influência da lógica mercadológica, esta pesquisa contextualiza teoricamente o cenário atual das características e tendências do jornalismo, especificamente o jornalismo cultural praticado pelo caderno *Prosa & Verso*, o suplemento

*Mestrando em Comunicação pela UNESP, campus de Bauru (SP). Jornalista e especialista em Comunicação Empresarial pelo Centro Universitário Toledo de Araçatuba (SP).

†Mestre em Jornalismo e Editoração (ECA-USP) e Doutor em Teoria Literária (FFLCH-USP).

literário do jornal carioca *O Globo*. O presente estudo tem por objetivo estudar a cobertura jornalística do citado suplemento, identificando os valores-notícia presentes nas reportagens de capa, especificamente nos períodos referentes ao ano de 2008 em que ocorrem a Feira Literária Internacional de Paraty e a Bienal Internacional do Livro de São Paulo. Tratando, portanto, da cobertura de eventos do mercado editorial, propõe-se uma análise e reflexão acerca das tensões existentes entre campo jornalístico e campo literário, focando a influência da citada lógica mercadológica na produção jornalística. Com a elaboração da análise dos suplementos veiculados durante a ocorrência de ambos os eventos e a partir das relações entre produção da notícia, imposições de mercado e espetacularização na indústria cultural, verifica-se, entre outras questões, que a notícia não escapa da necessidade de possuir valor de troca, mesmo quando se trata do jornalismo cultural, uma vez que a cultura também tem sua própria economia.

Palavras-chave: Jornalismo cultural, *Prosa & Verso*, Critérios de noticiabilidade; Sociologia da cultura.

1 Os suplementos literários

NA RECENTE HISTÓRIA da imprensa do Brasil, os suplementos literários apresentam transformações em seu conteúdo e formato. Os primórdios dessa trajetória remontam ao ano de 1838, com o suplemento *Folhetim*, do *Jornal do Commercio*, cuja linguagem era próxima da literária, tendo capítulos de livros transcritos em suas edições, de acordo com Isabel Travancas (2001). Em sua tese *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*, a autora diz que é a partir da década de 1950 que os grandes jornais lançam seus primeiros suplementos literários, que não perduraram muito, por serem considerados caros e desnecessários por essas empresas jornalísticas. Entretanto, os suplementos se mostraram como “uma alternativa importante criada pelos jornais para que o escritor e suas obras não abandonassem definitivamente as páginas da imprensa” (Ibidem, p. 43). Na citada pesquisa, entre outras percepções, está o fato de que os suplementos mantêm uma preocupação com o equilíbrio em relação aos livros e editoras noticiados, não se concentrando apenas em alguns. No caso dos suplementos brasileiros analisados, *Mais!* e *Idéias*,

a autora afirma que ambos demonstram a intenção de igualar nesse equilíbrio as editoras dos dois maiores centros editoriais do país, São Paulo e Rio de Janeiro.

Situando o lugar do escritor no cenário literário contemporâneo, a autora analisa que “hoje estamos vivendo sob o poder dos meios de comunicação de massa e os escritores, como outras categorias, têm consciência da importância da divulgação de suas obras e se transformaram em exibidores de si e de seus textos” (TRAVANCAS, 2001, p. 82). A pesquisadora emenda, citando Debray, que passa a ser visível atualmente a influência e o papel determinante da mídia na produção e seleção das obras literárias. É relevante destacar a análise que a autora faz sobre a problemática dos “cânones”, ressaltando que a classificação em torno da literatura é algo complexo e polêmico.

É como se existisse uma grande enciclopédia literária sendo construída pela elite intelectual, que indica o que deve ser selecionado e o que deve ser excluído, apontando o que deve ser lido e permanecer para a posteridade. Muitas vezes os meios de comunicação reforçam estas escolhas, apresentando e reapresentando estas obras para o consumidor, estimulando-o a gostar do já conhecido e do já visto (TRAVANCAS, 2001, p. 85).

Assim, pensar a questão dos cânones é refletir sobre a própria criação dos suplementos literários. A autora identifica a lógica do mercado no universo dos suplementos literários através dos prêmios literários e das feiras e bienais. Sobre os prêmios, mais valorizados na França do que no Brasil, a pesquisadora diz haver um processo – um lobby – por parte das editoras para se conquistar um prêmio, algo eticamente discutível. Já os eventos do mercado editorial – feiras e bienais – sempre mereceram capa ou edições especiais por parte dos cadernos literários, que aproveitam a ocasião propícia para criar conteúdos relacionados a este ambiente. De acordo com Travancas (2001, p. 102), “as feiras são acontecimentos fundamentais no calendário do mercado editorial. Nelas se encontram reunidos editoras nacionais e internacionais, os diferentes profissionais ligados ao livro e o público leitor”. Além de prestarem o chamado “serviço” em relação a esses eventos (informações

gerais sobre cronogramas, como chegar, etc.), os jornais brasileiros costumam apresentar uma cobertura quantitativa a respeito dos lançamentos, vendas, público, entre outros. Em suas constatações, a pesquisadora salienta que os quatro suplementos – brasileiros e franceses – analisados em sua pesquisa apresentam perspectivas e diretrizes semelhantes. Ressaltando a importância do papel dos suplementos como estimulador da publicação literária no início do século XIX e durante o século seguinte, a autora aponta que ambos os países modificaram profundamente o perfil de seus suplementos, que passaram a ser uma representação do mercado editorial.

2 Os valores-notícia

Não há espaço nos veículos noticiosos para a publicação de inúmeras informações, fator que institui uma necessidade de se pensar sobre os critérios de noticiabilidade, também conhecidos como valores-notícia. Contribuindo para a teoria da notícia, Traquina (2008, p. 61) afirma que a “visão negativa do mundo criada pelos jornalistas tem as suas raízes nos valores-notícia que os profissionais do campo jornalístico utilizam na seleção dos acontecimentos do mundo real e na construção das “estórias” que contam sobre a realidade”. Entretanto, essas “estórias reais”, ou seja, os conteúdos da mídia noticiosa, assim como enredos de novelas, são muito previsíveis, fato que ocorre em função da existência de critérios de noticiabilidade, isto é, à existência de valores-notícia que os membros da “tribo jornalística” possuem.

Para o autor, o conceito de noticiabilidade pode ser entendido como um conjunto de conceitos e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são descritos pelo autor como “o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo valor-notícia” (Ibidem, p. 63).

Os critérios de noticiabilidade são apresentados em três épocas históricas pelo pesquisador – os anos 70 do século XX, os anos 30 e 40 do século XIX e as primeiras décadas do século XVII. Esses recortes temporais acerca da produção da notícia corroboram com a visão de

Traquina (2008), para quem as notícias produzidas ao longo de quatro séculos são bastante semelhantes, ou seja, os valores-notícia básicos têm variado pouco. Traquina ressalta que seja necessária uma distinção entre valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção, o que Wolf (1987) já havia indicado¹. O autor divide os valores-notícia de seleção em dois subgrupos: os critérios substantivos – que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos de sua importância ou interesse como notícia – e os critérios contextuais – que dizem respeito ao contexto de produção da notícia.

Enfatizando os critérios substantivos, Traquina (2008) enxerga como valores-notícia de seleção:

- A morte: imperativo em diferentes épocas, esse valor-notícia intensifica a grande negatividade presente diariamente nas notícias.
- A notoriedade: valoriza-se a proeminência e visibilidade do ator principal do acontecimento.
- A proximidade: no sentido geográfico e cultural.
- A relevância: o impacto sobre as pessoas, o que incide sobre o público.
- A novidade: o inédito possui mais valor.
- O tempo: em diferentes aspectos, o tempo possui valor-notícia como atualidade ou como efeméride.
- A notabilidade: o que é atípico tem a capacidade de virar notícia.
- O inesperado: o que é surpreendente e choca os profissionais da imprensa ganha valor-notícia.

¹ Sobre os referenciais adotados por Traquina, apresentamos sinteticamente alguns pontos da citada distinção. Conforme Wolf (1987), os valores-notícia de seleção referem-se aos critérios utilizados pelo jornalista quando elege apenas um entre vários acontecimentos como candidato à sua transformação em notícia. Já os valores-notícia de construção sugerem o que deve ser prioritário, realçado e omitido na construção de um acontecimento como notícia, ou seja, funcionam como direcionamento para a apresentação do acontecimento selecionado.

- O conflito (controvérsia): principalmente representado pela violência simbólica ou física, esse valor-notícia ilustra e colabora para marcar a distinção entre o que é correto e o que não.
- A infração: a violência vincula-se a este valor-notícia. O escândalo, seja político ou de uma celebridade, exemplifica a representatividade desses acontecimentos para a comunidade jornalística.

Para o acadêmico, os valores-notícia descritos acima, especialmente o valor da notabilidade, implicam um pressuposto sobre a natureza consensual da sociedade, ou seja, discrepâncias reais que normatizam rotinas, tanto sociais quanto jornalísticas.

Por sua vez, os critérios contextuais dos valores-notícia de seleção, que dizem respeito ao contexto de produção das notícias, são:

- A disponibilidade: um acontecimento ganha valor quando sua cobertura é acessível.
- O equilíbrio: relaciona-se com a quantidade e com o tempo de certos assuntos e acontecimentos já noticiados.
- A visualidade: elementos visuais como fotografias e filmes compõem esse valor-notícia. No telejornalismo é um valor-notícia fundamental.
- A concorrência: a natureza concorrencial da atividade jornalística corresponde a um valor-notícia, o que torna a exclusividade, o chamado “furo” jornalístico, um expoente desse critério contextual de seleção.
- O dia noticioso: os acontecimentos estão em concorrência entre si.

Após conhecer os subgrupos dos valores-notícia de seleção, prosseguimos agora para um aprofundamento acerca dos valores-notícia de construção², que são os critérios de escolha dos elementos relacionados

² A respeito da construção da notícia, Jorge Pedro Sousa (2002) aponta que os próprios jornalistas podem se valer de fontes que partilhem opiniões e pontos de vista iguais aos seus, tornando tais fontes objetos do discurso que eles próprios gostariam de dizer.

ao acontecimento que merecem ser incluídos na elaboração da notícia, tais como:

- A simplificação: quando a notícia é desprovida de ambigüidade e complexidade, ou seja, quanto mais simplificada e sem polissemia for, maior chance ela tem de ser notada e compreendida.
- A amplificação: os jornalistas utilizam a amplificação do acontecimento para atrair o público. O autor cita o exemplo: “Brasil chora a morte de Senna”.
- A relevância: ao construir certos acontecimentos, os jornalistas apontam a relevância do mesmo para as pessoas, assim, mais hipóteses a notícia tem de ser notada.
- A personalização: consiste em valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento.
- A dramatização: consiste em reforçar os aspectos mais críticos, as questões emocionais e a natureza conflitual do acontecimento.
- A consonância: Traquina (2008) explica que quanto mais a notícia insere o acontecimento numa narrativa já estabelecida, mais possibilidades a notícia tem de ser notada.

A pesquisadora Gislene Silva (2005) afirma que os valores-notícia constituem também referências para a operacionalidade de análises de notícias, o que permite identificar similaridades e diferenciações na seleção ou hierarquização de acontecimentos em vários veículos da imprensa. Por isso, tal atividade possibilita percepções históricas e culturais a respeito do processo de produção de notícias, úteis não só na pesquisa de fatos noticiáveis, mas também no que tange a acontecimentos noticiados.

Como pode ser percebido, o escopo teórico sobre a noticiabilidade é bem amplo. É possível direcionar o caminho da seleção das notícias perante os valores supracitados. De acordo com os estudos aqui apresentados, vimos que Traquina (2005; 2008) defende que as notícias só podem ser compreendidas a partir do momento em que se compreende a cultura profissional da comunidade jornalística. A proposta

teórica do pesquisador é a de que não é possível entender as notícias apenas analisando seus fatores externos, uma vez que “os jornalistas são participantes ativos na definição e construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 26). Partilhando da visão teórica do autor de que a notícia é uma construção social, isto é, “o resultado de inúmeras interações entre diversos agentes sociais que pretendem mobilizar as notícias em prol das suas estratégias de comunicação” (Ibidem, p. 28), ressaltamos assim a compreensão para a qual os profissionais do campo jornalístico definem em última análise para o receptor as notícias e contribuem ativamente na construção da realidade. Sem esse entendimento não se pode compreender nem o jornalismo nem a notícia.

3 Eventos do mercado editorial

Sumariamente, sobre os valores-notícia, apresentamos uma análise específica sobre a cobertura jornalística quando se trata da cobertura de eventos, conforme a visão de Gaye Tuchman (1978) e Nelson Traquina (2005; 2008).

3.1 FLIP - Feira Literária Internacional de Paraty

A Flip (Feira Literária Internacional de Paraty)³, em 2008, ocorreu entre os dias 02 e 06 de julho, e teve como homenageado o escritor Machado de Assis. Como referencial para a análise do objeto, selecionamos os suplementos literários que circularam nos dias 28 de junho (uma semana antes da Flip); 05 e 12 de julho (durante e após o evento).

No primeiro caderno selecionado, de 28 de junho, quatro dias antes do início da Flip, o suplemento traz em sua capa a matéria “A es-

³ Criada com o objetivo de contribuir para a resolução dos problemas de infraestrutura urbana de Paraty, a Festa Literária Internacional de Paraty, além de promover a literatura, potencializa transformações na cidade nas áreas de preservação do patrimônio, educação e infraestrutura urbana e constitui um veículo poderoso de mudanças profundas no modo pelo qual a população faz uso dos espaços públicos. Reconhecida desde 2004 como Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), a Associação Casa Azul foi criada a partir de ações iniciadas em 1994 visando à implantação do projeto de Revitalização Urbana dos Espaços Públicos de Borda d'Água e é responsável pelo projeto sociocultural.

crita como espanto”, com linha-fina “O autor gaúcho lança o romance ‘Acenos e afagos’ e afirma ser um artista do risco e da oposição”. Na imagem abaixo, vê-se a logomarca do evento Flip, ao lado da matéria, também presente em todas as páginas desta edição, indicando a vinculação do conteúdo ao evento.

O caderno desta edição é todo dedicado aos autores convidados para a Flip, incluindo resenhas, entrevistas e artigos, que focaram os livros lançados na ocasião pelos escritores. Na capa, João Gilberto Noll, em entrevista ao jornalista Miguel Conde, falou sobre seu então novo romance, "Acenos e afagos". A entrevista inicia-se da seguinte maneira:

Autor que já disse ter começado a escrever invejando o trabalho de músicos e cineastas, o gaúcho João Gilberto Noll não há de estranhar o elenco eclético da sexta edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), que começa na quarta-feira. Numa festa onde poetas e ficcionistas têm sido acompanhados por números crescentes de ensaístas, críticos e artistas de outras áreas, a presença de Noll parece uma ilustração entre linguagens diversas. [...] Noll acaba de lançar um novo romance, “Acenos e afagos” (Record), e de rever outros cinco, que estão voltando às livrarias pela Record – “O cego e a dançarina”, “A céu aberto”, “Rastros de verão”, “Bandoleiros” e “A fúria do corpo”. O escritor conversou com O GLOBO sobre o novo livro e sua obra, segundo ele movida pelo espanto e pela experimentação.

Como se pode notar, primeiramente, as escolhas jornalísticas, ao operar uma seleção do que é noticiado, são marcadas principalmente pelos valores-notícia *tempo*, já que a atualidade do evento Flip é utilizada como um gancho jornalístico pelo suplemento; e *notabilidade*, uma vez que acontecimentos visíveis e tangíveis são valorizados pela “tribo” jornalística. Deste modo, a cobertura jornalística está mais voltada para acontecimentos do que para problemáticas.

Figura 01: Capa do *Prosa & Verso* de 28/06/2008

Fonte: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/>

Ao operar uma construção do que é noticiado, prevalece o valor-notícia *personalização*, a palavra ‘autor’ logo no início da matéria indica este direcionamento que valoriza a pessoa envolvida no acontecimento como forma de atrair a atenção do leitor. Outro fator que reforça este argumento é a passagem: “Noll parece uma ilustração concreta da idéia do literário como espaço de articulação de linguagens diversas”. Deste modo, a notícia personifica o evento.

No cabeçalho da capa do suplemento, ao lado direito da logomarca *Prosa & Verso*, vê-se a chamada de matéria para a página 6, com destaque na utilização do nome de Tom Stoppard, seguido de “Teatro marcado pelo diálogo com a literatura”, mais uma vez, a *personalização*. Um ponto interessante é que a matéria sobre Stoppard foi veiculada na página 8 e não 6, conforme a capa do suplemento. Esta edição do caderno foi ampliada em duas páginas, já que costumeiramente circu-

lam seis, o que permite constatar que a Flip é tratada pelo jornal e seus editores de cultura como um *mega-acontecimento*. O erro de diagramação pode sinalizar também a velocidade da informação, já classificado como fetiche⁴ da velocidade, característico do valor-notícia *concorrência*, para o qual a exclusividade é fator perseguido pelos jornalistas.

Relacionando esta produção jornalística aos ditames do mercado editorial, nota-se a repetição dupla do nome da editora Record no trecho acima apresentado. O lançamento de um novo livro e edição de outros cinco reforçam a ação da lógica publicitária sobre a produção da notícia, que nesta acepção, torna-se um produto, característico do processo de espetacularização⁵. Ressaltamos que não se atribui aqui uma classificação negativa ou pessimista em relação a esta influência da publicidade ou indústria cultural sobre o jornalismo, o que se constata é o rearranjo dos moldes de produção, atrelados a esta nova lógica.

No decorrer da entrevista com Noll, a primeira pergunta feita pelo jornalista foi: “Relendo livros antigos e escrevendo um novo é possível surpreender-se consigo mesmo? Ou você sai do processo com as mesmas idéias a respeito de si próprio e da sua obra?”, enfatizando a abordagem sobre a pessoa, novamente. Ao abordar o enredo do livro, a segunda e terceira pergunta ao autor trazem elementos discutíveis, são elas:

2) Em seu livro, há um erotismo que antecede a linguagem, pois se faz notar antes de ser assumido ou mesmo formulado, e outro que se realiza e se desdobra no próprio ato da escrita. Existe um ponto de contato entre os dois?

3) Muitas resenhas de seus livros falam sobre o “homoerotismo” de seus textos. Você gostaria que se utilizasse menos

⁴ Termo utilizado por Moretzhon (2002).

⁵ Para Guy Debord (1997), o espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta da alienação. A expansão econômica é, sobretudo, a expansão de uma produção industrial específica. Com isso, a tirania das imagens e a submissão alienante ao império da mídia consolidam-se em tempos atuais. Encontramos no pensamento deste filósofo francês o retrato de uma sociedade do espetáculo, resultante do modo de produção existente sob todas as suas formas particulares, seja ela informação ou propaganda, publicidade ou consumo massivo de divertimentos, cujo espetáculo constitui um modelo atual da vida dominante na sociedade.

esse prefixo os textos sobre sua obra, ou ele é fundamental para compreendê-la?

Ambas as perguntas embasam-se na *controvérsia*, para que o autor concorde ou discorde da questão. O erotismo na produção cultural brasileira deve ser bem narrado e exibido, pois geralmente tende a ser rejeitado ou classificado como vulgar, fora do cânone e da erudição. Nesta perspectiva, o jornalista emenda sua pergunta à correlação entre a terminologia “homoerotismo” e a obra de Noll. A resposta do autor é enfática, desfazendo o possível *conflito* de tal classificação. Percebe-se que *controvérsia* e *intriga* dão o tom ao início da entrevista, um tom mais audaz. Vale notar que o olho⁶ da matéria nesta segunda página é: “Não sou cronista do mundo gay, um mundo que não freqüento. Aliás, não freqüento qualquer grupo”.

O valor-notícia *proximidade* é observado na cobertura jornalística d’*O Globo* à Flip, além do *Prosa & Verso*. Logo que os escritores chegaram à Paraty, a equipe do suplemento iniciou uma cobertura mais imediatista e regular do evento pelo blog (<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa>) do suplemento. Na editoria Rio do jornal impresso, diariamente, foi dedicada uma página à festa, e circulou a primeira edição de um caderno especial, distribuído diariamente em Paraty e em duas livrarias do Rio de Janeiro, capital.

A edição de 05 de julho de 2008 trouxe a seguinte reportagem de capa: “O enigma de Capitu”, com o subtítulo (linha-fina) “Obra reúne textos de autores que buscam desvendar os mistérios e explicar a força da personagem maior de Machado”. Conforme dito, o homenageado da Flip em 2008 foi o escritor Machado de Assis, ano também do centenário de morte deste consagrado escritor. Inicialmente, são visualizados dois valores-notícia predominantes: o da *atualidade*, por meio da efeméride, e por privilegiar o evento Flip como gancho na cobertura jornalística; e *intriga*, que pode ser notada quando a jornalista e editora do *Prosa & Verso*, Mânia Millen, destaca Capitu, personagem maior de Machado no livro *Dom Casmurro*, cuja temática centraliza-se em torno de uma possível traição, o que gera tais mistérios noticiados.

⁶ No jargão jornalístico, *olho* significa uma frase destacada sob o título ou no conjunto da página.

No panorama geral, percebe-se a saliência do valor-notícia *consonância*, para o qual o jornalista insere novidades sobre um assunto já conhecido pelo público. A ilustração presente na capa traz o símbolo da interrogação no rosto da personagem machadiana. A seguir, extraímos o trecho apresentado após o intertítulo da matéria de capa “*Dom Casmurro*” na ordem do dia:

Para mostrar que o fascínio em torno de um dos personagens mais famosos da literatura ainda continua presente, a Nova Fronteira está lançando durante a Flip o livro “Quem é Capitu?”, no qual 15 autores de áreas distintas, entre romancistas, acadêmicos e historiadores, além de nomes como a atriz Fernanda Montenegro e o diretor Luiz Fernando Carvalho, procuram responder à pergunta do título.

Com uma redação cuja linguagem aproxima-se da redação publicitária e dos releases de assessoria de imprensa em lançamento de produtos, a notícia apresenta o valor-notícia *notoriedade*, uma vez que apresenta importância hierárquica e celebridade no fato noticiado. O trecho denota também outro valor de seleção, a *novidade*. A continuação da reportagem ocorre na página seguinte, onde é apresentada uma grande foto com três atores do elenco de *Capitu*, a minissérie da TV Globo que estreou no segundo semestre de 2008.

Figura 02: Capa do Prosa & Verso em 05/07/2010



Fonte: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa>

Figura 03: Capa do Prosa & Verso de 12/07/2008



Fonte: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa>

Nesta página, o título “Viço e carisma de um mito de papel” serve para encampar a reprodução de textos sobre Capitu, com os seguintes

escritores: Luiz Fernando Carvalho, Fernanda Montenegro, Silviano Santiago, Mary Del Priore, Luís Fernando Veríssimo e Lya Luft. Como se vê, a coletânea efetuada pelo jornal referente ao livro da editora Nova Fronteira priorizou nomes destacados da cultura brasileira, mesmo não sendo expoentes escritores, tal como a atriz Fernanda Montenegro, o que permite reafirmar a personalização como valor-notícia de construção, conforme a visão de Traquina (2002). Com um formato de seis páginas, seu volume tradicional, o caderno desta edição apresentou em todas as páginas a logomarca da Flip, que foi encerrada no dia seguinte, domingo, 06 de julho de 2010.

Na semana seguinte o *Prosa* poderia ainda dar continuidade ao assunto Flip, por ocasião de seu encerramento, seja explorando debates não comentados ou informando balanços, entre outros temas, o que não foi feito. No caderno seguinte (figura 04), o jornalista Rodrigo Fonseca entrevistou o documentarista Morgan Spurlock, diretor de "Super size me – A dieta do palhaço"(2004), a respeito do seu lançamento à época, o livro "Onde está Osama Bin Laden?", lançado no Brasil pela editora Intrínseca.

Consecutivamente, durante três semanas, o suplemento *Prosa & Verso* cedeu espaço e utilizou como ganho jornalístico o lançamento de livros: indiretamente, o livro de Sant'Anna sobre o destino do jornal; na semana seguinte foi a vez da editora Record, cujo autor era um participante da Flip; o terceiro, por sua vez, estava ligado à temática do evento (Machado de Assis), da Nova Fronteira; por último, temos o livro de Spurlock, pela editora Intrínseca.

3.2 Bienal Internacional do Livro de São Paulo

Em 2008, a 20ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo ocorreu em entre os dias 14 e 24 de agosto no Parque de Exposições Anhembi, zona norte da capital paulista. O encontro reúne as principais editoras, livrarias e distribuidoras do país, que preparam seus lançamentos para esse período. Cerca de dois milhões de livros estiveram à venda durante os dias desta bienal. Além da larga oferta de livros, a Bienal oferece uma intensa programação cultural, desenvolvida para despertar o gosto pela leitura em mais de milhares de pessoas, entre crianças, jovens e adultos. Durante os 11 dias do evento, escritores consagrados como Fer-

nando Moraes, Zuenir Ventura e Laurentino Gomes marcaram presença, assim como os desenhistas Ziraldo e Maurício de Souza. Durante esta edição da bienal, ocorreram debates e discussões sobre o novo acordo da Língua Portuguesa e os centenários da Imigração Japonesa e do escritor Machado de Assis. Aberta ao público das 10h às 22h, a bienal teve ingressos por R\$10 para o público geral e R\$5 para estudantes.⁷

Tratando agora da cobertura jornalística, no primeiro caderno selecionado, de 9 de agosto de 2008, dias antes da abertura da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, temos a reportagem de André Miranda “Vida, acaso e morte”, com a linha fina “A caminho da Bienal de São Paulo, o autor mexicano Guillermo Arriaga tem seu primeiro livro, ‘Esquadrão Guilhotina’, lançado no Brasil”.

Figura 04: Capa do Prosa & Verso de 9 de agosto de 2008



Fonte: Digitalização do impresso original feita pelo autor

⁷ A primeira Feira Popular do Livro montada pela CBL (Câmara Brasileira do Livro), em 1951, foi a da praça da República, com a tentativa de introduzir no país a tradição européia das feiras de livros encontradas na França, na Alemanha e na Itália. Em 1961 foi promovida, em parceria com o Museu de Arte de São Paulo, a 1ª Bienal Internacional do Livro e das Artes Gráficas, que se repetiu em 1963 e 65. A 1ª Bienal Internacional do Livro, bancada exclusivamente pela CBL, foi realizada entre 15 e 30 de agosto de 1970, no mesmo edifício da Bienal de Arte, essa primeira feira reuniu algumas centenas de editoras nacionais e estrangeiras e atraiu milhares de pessoas, adultos, jovens e crianças. Em razão do crescimento contínuo de público e expositores, em 2002, ela foi para o Centro de Exposições Imigrantes (com 45 mil metros quadrados de área), até finalmente chegar, em 2006, ao Anhembi, o maior centro de exposições da América Latina.

A capa tem uma minúscula reprodução da capa do livro e metade da página dedicada a uma foto de perfil do autor, com a legenda “Guillermo Arriaga diz que todas as suas histórias têm os mesmos elementos: “a casualidade, os acidentes, as situações extremas, os personagens que caminham pela vida arrastando o peso da morte”. A matéria é iniciada com uma frase de um personagem do romance de Arriaga, que estava prestes a ser lançado no Brasil (o original foi lançado em 1991) pelo autor durante a Bienal. Na apresentação da obra, sintetiza-se o que se diz no título da matéria, ou seja, a maneira como o mexicano aborda a vida em suas obras. Desta cobertura, verifica-se que a composição da capa do suplemento ocorre com a operação do valor-notícia *relevância*, quando trata do lançamento do livro de Arriaga, vinculado à Bienal; o valor-notícia *notoriedade* – vale notar que a figura do escritor é enaltecida quando é mencionado que o mesmo estivera na Flip há pouco menos de um ano da realização da Bienal – e *novidade* se destacam no processo de seleção da informação.

Nesta mesma edição, uma reportagem de Márcio Abos é apresentada na página 2, com o título “Bienal reforça programação cultural”, ressaltando a nova formulação do evento, aproximando-se do formato da feira carioca; na matéria são mostrados números que colocam a Bienal no patamar de segundo maior evento editorial do mundo, atrás apenas da Feira do Livro de Frankfurt.

A edição de 16 de agosto de 2008 traz a reportagem “O imperador da palavra”⁸, com o subtítulo “Quarto centenário do padre Antônio Vieira inspira novos livros e debates no Brasil e em Portugal”, e é assinada pela jornalista Rachel Bertol. Logo no início, percebe-se que o valor-notícia tempo é imperativo e, de acordo com o texto, a efeméride tem motivado, aos poucos, novidades no mercado editorial brasileiro. O primeiro lançamento citado na matéria é da editora José Olympio. Escrito pelo historiador Clóvis Bulcão, foi descrito como um “esboço biográfico”, cujo lançamento ocorria na Bienal. O trabalho do historiador português João Lúcio Azevedo (1855-1933) ganhou naquele ano duas edições, uma pela editora Alameda e outra pela Topbooks. “Além disso, a editora Globo acaba de publicar o primeiro dos três volumes com as cartas de Vieira, também organizado por Azevedo”.

⁸ De acordo com a jornalista, este é o aposto criado por Fernando Pessoa para o padre Antônio Vieira.

Após atentar para os lançamentos brasileiros e portugueses, o texto divulga alguns debates em torno da obra do padre. Na capa, o último parágrafo termina com uma síntese da biografia e trajetória de Vieira, destacando que um dos desafios da efeméride “é justamente o de aproximar seu império de palavras e idéias da gente comum”. A continuação da reportagem se dá nas páginas 4 e 5, com o título ‘Investigar tudo de todas as maneiras’, com comentários de três estudiosos de padre Antônio Vieira: Cleonice Berardinelli, Silvano Peloso e Alcir Pécora. Ao lado esquerdo desta continuação, centralizada na página, temos uma crítica de Adma Muhana, professora da USP, intitulada “Novas edições deixam a desejar”, referindo-se aos lançamentos mencionados na primeira página. Já do lado direito da página espelhada, temos a entrevista de Clóvis Bulcão, feita por Rachel Bertol, “Vieira não deveria ficar restrito ao meio acadêmico”; a entrevista centra-se no lançamento do autor, cujo enfoque está no contexto em que Vieira viveu.

A edição de 23 de agosto é preenchida em sua metade com o Homem Vitruviano, de Leonardo da Vinci, para ilustrar a matéria “A redefinição do humano” de Miguel Conde e Rachel Bertol, repórter e editora assistente do *Prosa & Verso*, respectivamente. O texto mostra a discussão entre alguns pensadores sobre como o avanço da tecnociência está mudando a noção de humanidade. Em síntese, o texto é uma divulgação sobre o ciclo de palestras “Mutações – A condição humana”, que estava para ocorrer no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília. Com eminentes participantes brasileiros e com convidados internacionais, o encontro prestou homenagem ao clássico de Hannah Arendt “A condição humana”, publicado em 1958. Nesta edição, véspera do encerramento da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, não houve menção direta ou indireta ao evento.

Na próxima e última capa analisada neste artigo, veiculada em 30 de agosto de 2008, tem-se praticamente a ausência de ilustração, um fundo branco com apenas uma pequena e pouco nítida pena acinzentada ao pé da página, para o título “Poéticas da delicadeza” e subtítulo “Críticos e autores discutem as rupturas da atual literatura brasileira com as narrativas brutais que marcaram a Geração 90”. A reportagem centra-se em lançamentos de pesquisadores e professores cariocas que tratam do atual momento da produção literária brasileira e suas rupturas, conforme dito, com a tradição de outrora. Verifica-se que os lançamentos de títu-

los do mercado editorial são latentes nos cadernos analisados, mesmo que se enquadrem em um nicho específico de interesse, tal qual o estudo da narrativa literária e seu desenrolar nas últimas décadas. Comparando a cobertura jornalística efetuada pelo suplemento literário em torno dos eventos do mercado editorial, Flip e Bienal Internacional do Livro de São Paulo, vemos que esta está vinculada ao lançamento de livros. A Flip, certamente por causa do valor-notícia de seleção *proximidade*, ganha uma cobertura mais elaborada – aprofundada e extensa – por parte do caderno, o que indica traços de sua política editorial.

Considerações finais

Os suplementos literários não são mais o palco de discussões literárias, tendo em vista que nem romances são divulgados primeiramente em suas páginas. “Hoje estes cadernos são um espaço de expressão do mercado editorial” (TRAVANCAS, 2001, p. 148). “Estruturados pela lógica jornalística, são ainda um lugar privilegiado para a literatura e os livros. O que não significa dizer um lugar ideal ou um espaço sem tensões entre gêneros e perspectivas” (Ibid., p. 152).

Como toda mercadoria inserida no sistema capitalista, a notícia não escapa da necessidade de possuir valor de troca. O jornalismo cultural segue essa mesma regra, uma vez que a cultura também tem sua própria economia. Dessa forma, o jornalismo cultural, ao longo dos tempos, alterou sua dinâmica de abordagem e cobertura. Mesmo que à primeira vista não aparente sucumbir aos ditames do mercado editorial, a cobertura jornalística presente na capa do suplemento apresenta características ligadas ao jornalismo de serviço e, em termos publicitários, cumpre função de divulgação. Contudo, a construção da notícia não se limita ao serviço, isto é, contrariamente, verifica-se o aprofundamento das obras abordadas, mesmo que o enfoque concentre-se na figura do autor. Nesse sentido, o suplemento literário *Prosa & Verso* citou com destaque os lançamentos e vinculou sua cobertura em demasia ao evento Flip e com menor densidade ao evento Bienal. Entretanto, não situou seu discurso no terreno do entretenimento, de maneira superficial. Apreende-se das matérias veiculadas reflexões em profundidade, que colaboram com o universo literário e seu debate, o que constitui um posicionamento, ou um valor-notícia de construção, que foge aos padrões esta-

belecidos pelo jornalismo de mercado, guiado pelo fetiche da velocidade, visíveis na instantaneidade, descartabilidade e artificialidade das questões pautadas. Compreendemos, através das análises preliminares realizadas nesta pesquisa até o presente momento, que a prática jornalística do caderno *Prosa & Verso* apresenta um matiz não submetido totalmente à lógica e imposição de mercado, ainda que pela leitura de seus valores-notícia – a atualidade, a intriga, a personalização, entre outros – possa ser constatada a presença de uma produção jornalística sutilmente propensa à espetacularização da notícia. Assim, vemos que a produção de notícias do suplemento *Prosa & Verso* não está submetida às regras de simplificação e reducionismo características do jornalismo de entretenimento, o que reflete uma postura bastante distinta do veículo no cenário do jornalismo cultural contemporâneo.

Referências

- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- MORETSZHON, Sylvia. *Jornalismo em “tempo real”*: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro, Revan, 2002.
- SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Volume II, nº. 1. Florianópolis, 2005. Disponível em: <http://goo.gl/BFdq8>.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.
- _____. *Teorias do Jornalismo*: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.
- TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal*: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

TUCHMAN, Gaye. *Making news: a study in the construction of reality*. New York: The Free Press, 1978.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1987.